

# PENÉLOPE

FAZER E DESFAZER A HISTÓRIA

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL — Nº 9/10 • 1993

DIRECTOR  
A. M. HESPANHA

REDACÇÃO

Álvaro Ferreira da Silva (FE-UNL); Amélia Aguiar Andrade (FCSH-UNL); António Costa Pinto (CEHCP-ISCITE); António M. Hespanha (ICS); Bernardo Vasconcelos e Sousa (FCSH-UNL); Carlos Fabião (FLL); Fernando Rosas (FCSH-UNL); Helder A. Fonseca (UE); José Manuel Sobral (ICS); Luís Krus (FCSH-UNL); Luís Ramalhosa Guerreiro; Mafalda Soares da Cunha (UE); Maria Alexandre Lousada (FLL); Nuno Gonçalo Monteiro (ICS); Nuno Severiano Teixeira (UE/UCP); Rui Ramos (ICS); Valentim Alexandre (ICS); Vítor Serrão (FLUC); Secretário da Redacção: João Carlos Cardoso

Propriedade do título: Cooperativa Penélope. Fazer e Desfazer a História  
Subsídios à Redacção da J.N.I.C.T. e S.E.C.

Os originais recebidos, mesmo quando solicitados, não serão devolvidos.

Na capa: «Monarchia de España», *Dialogo llamado Phelippino*, ms. da Biblioteca do Escorial.

© EDIÇÕES COSMOS  
e Cooperativa Penélope

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Fotolitos: Joerma - Artes Gráficas, Ldª  
Impressão: Litografia Amorim

Impressão e acabamentos: EDIÇÕES COSMOS

1ª edição: Fevereiro de 1993

Depósito Legal: 49152/91

ISSN: 0871-7486

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa

Telefones: 795 51 40 (6 linhas)

Fax: (1) 796 97 13 • Telex 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMOS

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa

Telefones: 342 20 50 • 346 82 01

Fax: (1) 796 97 13

— «Verflechtung» —

## Um Método para a Pesquisa, Exposição e Análise de Grupos Dominantes

Pedro de Brito

Instituto Superior da Maia

Wolfgang Reinhard é o decano do departamento de História da Universidade de Freiburg, na Alemanha. Em 1973 fez a sua agregação a essa mesma universidade com um trabalho intitulado «Familie und Klientel I», que tinha por objectivo o estudo da Cúria Romana por volta de 1600, e foi publicado nas seguintes partes: «Aemterlaufbahn und Familienstatus» (1974), «Papstfinanz und Nepotismus» (1974), «Nepotismus» (1975) e «Herkunft und Karriere der Paepste» (1976).

Numa reflexão *a posteriori*<sup>1</sup> sobre o seu trabalho, Reinhard elabora uma metodologia de pesquisa e exposição aplicável aos intervenientes em qualquer tipo de poder. Para esse método, que designa de «*Verflechtung*», temos dificuldade em achar a tradução portuguesa ideal. A que nos parece mais adequada, embora soando mal, seria «entrelaçamento»; outra possível, «enredamento», adquiriu em Português uma carga demasiado negativa. Para a origem anglo-saxónica *network* rejeitou Reinhard a tradução mais literal de rede<sup>2</sup>, e somos levados a concordar com ele, atendendo à limitação semântica do vocábulo.

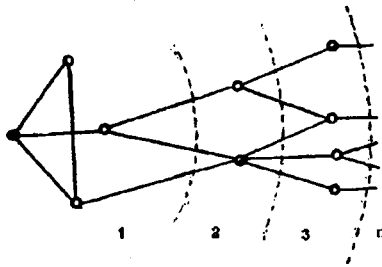
Começa Reinhard por recordar alguns métodos de análise de selecção e actuação das elites de poder: assim o da «conspiração», que foi ainda há bem pouco tempo exhaustivamente tratado por Rogalla von Bieberstein<sup>3</sup>; o marxista, de luta de classes, e a teoria das elites de Mosca, de Pareto e de Michels<sup>4</sup>. Em todos eles encontra limitações na determinação dos grupos dominantes e nas razões da sua selecção.

Sem pretender ser exhaustivo na análise deste tipo de problemas, parece-lhe no entanto poder dar uma útil achega<sup>5</sup>. Parte do princípio que «os grupos dominantes não são constituídos em primeiro lugar através de características sociais semelhantes dos seus membros, e sim através do entrelaçamento social desses membros, porque através desse entrelaçamento é possibilitada, melhorada e canalizada a interacção. «Constituir» quer dizer tanto «recrutar» como também «integrar». Ou seja, formulado inversamente: uma oligarquia não necessita de nenhum grupo social como substrato, basta-lhe o entrelaçamento dos seus membros.»<sup>6</sup>

Ora o entrelaçamento, sob a designação de *network*, foi um conceito desenvolvido pelas sócio-psicologia e sócio-antropologia. O sócio-psicólogo Jakob L. Moreno desenvolveu em 1934<sup>7</sup> dois tipos de gráficos, com os quais pretende simbolizar relações entre pessoas. Trata-se do «sociograma», no qual cada pessoa, ou

grupo de pessoas, é representado por um ponto, e a relação entre elas por um traço unindo as que se relacionam. Quando o número de pessoas é abundante, podendo tornar confuso o sociograma, pode-se utilizar uma «sociomatriz», que é constituída por um quadriculado no qual se inscrevem em ordenadas e abcissas a mesma lista de pessoas cujas relações se pretendem representar; assinala-se depois na quadrícula de cruzamento dos nomes relacionados aqueles que assim o forem — na Fig. 1 temos assim assinaladas as ligações por matrimónio das 40 famílias com «oficiais» na Câmara do Porto entre 1500 e 1580.

O conceito de *network* acima mencionado foi pela primeira vez utilizado em 1940, pelo etnólogo ou, como a si próprio se designa, pelo sócio-antropólogo Radcliffe-Brown<sup>8</sup>, que define a estrutura de uma sociedade, objecto de estudo da sua ciência, como a *network* (rede) de relações entre as pessoas, relações essas que, em regra, são determinadas por interesses. Adrien C. Meyer<sup>9</sup>, no sentido de evitar a intrincada rede de relações possíveis entre um grupo de pessoas, isola aquelas que se verificam entre uma personalidade central, a que chama «ego», e aqueles com ela relacionados, que designa por *set*.



Neste sociograma teremos assim o «ego», representado pela bola preta, e os membros do *set*, representados por bolas brancas. Estes sociogramas podem ser construídos de acordo com um simbolismo geométrico, e sujeitos a uma análise de tipo matemático.

No que diz respeito a cada relação individual pode-se considerar a *distância* — trata-se de contactos directos ou indirectos de cada membro com o «ego». Podem-se assim considerar as zonas de contacto 1, 2, 3, até n.

*Origem da relação:* foi conseguida, como em geral a amizade, ou a de colega, ou é um dado adquirido, como o parentesco? Mas as amizades podem-se herdar e o parentesco pode-se conseguir pelo matrimónio, ou artificialmente, por apadrinhamento.



*Sector social* a que pertence a relação: o campo social de um «ego» é constituído por variados sectores — família, profissão, religião, política, tempos livres, etc. Em que sector tem lugar uma relação específica?

*Multiplicidade*: em certas circunstâncias o «ego» tem com um membro vários tipos de relações — pode-lhe estar ligado como cunhado, sócio, vizinho, camarada de partido. Este tipo de múltiplas relações tem importante significado para a estabilidade das oligarquias.

*Conteúdo das transacções*: que tipo de «negócios» se desenvolvem através destas relações? Trata-se de dinheiro, informação, ajuda, simpatia ou outros? Também aqui serão múltiplos tipos importantes.

*Direcção das transacções*, do «ego» para os membros, ou destes para o «ego».

*Simetria ou assimetria das transacções*: trata-se de uma troca, ou a transacção é unilateral, ou pelo menos unilateralmente descompensada, ou seja, o que é retribuído não compensa o que foi oferecido. A assimetria das transacções está em regra associada como causa ou consequência a uma diferença de posição ou de poder dos participantes. Pode indicar uma relação patrono-cliente. Assim pode a assimetria, num caso específico observado, pesar quer numa direcção quer noutra; é possível um patrono fazer, através de um adiantamento não retribuível, com que um cliente lhe fique obrigado, ou um cliente prestar um serviço há muito devido, para o qual não poderá pedir retribuição naquela altura.

*Frequência e duração das transacções*: este critério só pode ser correctamente utilizado em conjunção com outros; de facto, podemos encontrar diariamente o comerciante da esquina, e só raramente o irmão que mora longe, sem que daí se possam inferir conclusões sobre a intensidade das relações.

Quanto à estrutura do *network* ou do *set* podem-se considerar as seguintes características

*Dimensão*: a totalidade de um *network* é praticamente expandível até ao infinito. Só num espaço limitado de uma sociedade por qualquer forma «fechada», na qual só se têm de considerar algumas relações devidamente enquadradas (como por exemplo as dos habitantes de uma ilha), ou as de *set s* centrados num «ego», ou as de outros sectores delimitados, é de algum modo possível uma completa análise de dados. Não é assim por acaso que análises de entrelaçamento se realizem mais para *set* do que para *networks*.

*Densidade*, que é a medida do entrelaçamento dos membros de um *network*, independentemente de um «ego», ou seja da comunicação e da interacção, desses membros. Exprime-se pela percentagem das efectivas relações entre eles ( $N_a$ ) sobre a totalidade de relações possíveis, representando  $N$  o número de membros do *set*. Ser-nos-á dada pela seguinte fórmula

$$D = \frac{100 N_a}{1/2 N (N-1)}$$

*Grau*, que é a média de relações que cada membro do *set* tem com outro, a que corresponde a fórmula

$$d = \frac{2 \text{ Na}}{N}$$

*Centralidade*, que só se pode referir a cada um dos membros do *network*, pois determina a medida em que cada membro é acessível aqueles com os quais está relacionado. Calcula-se pela seguinte fórmula

$$C = \frac{\Sigma (\text{do menor número de ligações de cada membro do } \textit{set} \text{ a outro})}{\Sigma (\text{das mais curtas distâncias do «ego» a cada um dos membros})}$$

A importância desta medida para determinar as possibilidades de influência de um determinado membro do *network* sobre os outros é clara. A centralidade está na razão inversa da densidade, pois, como é natural, a importância de um membro central sobe quando os restantes poucos contactos têm entre si, e assim esse membro central torna-se na única fonte de informações e acção.

*Tufos* serão zonas de densidade especialmente grande dentro do *network*, como por exemplo um grupo de parentes ou uma clique, que mantém relações com o «ego», em certas circunstâncias só através de um intermediário.

Um terceiro grupo de categorias a considerar numa análise de entrelaçamento, mas sobre as quais não há muito que esclarecer, são sexo, idade e temperamento dos membros do *network*. Já sobre

*Residência*: há que distinguir se ela é urbana ou rural. Na cidade os *networks* tendem para menor multiplicidade e densidade que no campo, e é assim mais difícil determinar a posição central.

*Clima*: é claro que numa terra em que grande parte da vida se passa no exterior, as relações têm características diferentes daquelas onde o inverso acontece. Mas não nos podemos precipitar a atribuir às terras quentes do sul um melhor desenvolvido *network*, pois a uma maior vida no exterior corresponde aí um maior exclusivismo em casa.

*Factores culturais ideológicos*: há que considerar sobretudo valores e normas religiosas, sociais e políticas, que determinam por exemplo a muito citada diferença no procedimento social entre católicos e protestantes. Ou, utilizando outro exemplo, no que diz respeito à etiqueta, o que foi observado pelos missionários no Japão do século XVI, em que as relações presenciais entre pessoas se limitavam a gentilezas, sendo os assuntos de importância sempre tratados por intermediários — o que torna vital a necessidade de um *network*.

*Factores culturais institucionais*: aqui desempenha o parentesco o papel principal, mas à medida que nos afastamos da Alta Idade Moderna em direcção à contem-

porânea começa a relação profissional a ofuscar a da família, até ao ponto de nos nossos dias haver uma tendência para separar ambas as áreas.

*Educação*: não esquecer as *networks* constituídas pelas associações de antigos alunos.

*Mobilidade social*: a modificação de residência leva à extensão do *network*, a ascensão social também, entrando aqui no entanto em conta com a frequente rejeição das relações do nível social inferior de que partiu o membro em causa.

*Hierarquias sociais*: status, prestígio, poder e similares estão numa posição ambivalente relativamente à extensão do *network* referido a um «ego». A constituição do *network* é duplamente influenciada pelo interesse dos seus membros no que poderão obter através do poder do «ego», e pelo interesse deste no prestígio que lhe traz uma larga clientela.

Depois de exposta esta técnica da sócio-antropologia<sup>10</sup> Reinhard passa a analisar as suas vantagens para a investigação histórica. Embora quando utilizada pelos sociólogos ela não se limite de forma nenhuma ao estudo de grupos dominantes, já em história a limitação das fontes a torna mais utilizável no estudo desses grupos. De facto deixaram estes maior abundância de documentos que a maioria dos outros grupos sociais. Um estudo de entrelaçamento seria assim por exemplo aplicado com vantagem na História Antiga ao abundante material recolhido por Münzer sobre a nobreza romana<sup>11</sup>. No que respeita à Idade Média seria o indicado para o estudo, abundante em fontes, das relações feudais. A base jurídica que lhes estava subjacente, não o está em relações de clientelismo «padrone/creatura», «protecteur/créature», «patrón/criado», típicas da Alta Idade Moderna, que Roland Mousnier<sup>12</sup> e a sua escola<sup>13</sup> estudaram, contestando a aplicação do modelo de classes de Marx a esta idade. Na ausência de uma base jurídica para as relações de clientelismo, a única forma de as enquadrar cientificamente é utilizando uma quadrícula do tipo entrelaçamento.

A selecção natural a que a limitação das fontes conjugada com um interesse pela pesquisa de grupos dominantes leva na História faz, segundo Reinhard<sup>14</sup>, com que se privilegie o estudo do seguinte tipo de relações:

*Parentesco*

*Comum origem geográfica*

*Amizade*

*Patrocínio ou patronagem*

O *parentesco* pode primariamente resumir-se a uma relação de carácter dual ou polivalente. Mas pode relativamente a pessoas importantes ser pesquisado em referência a um «ego» — assim tem funcionado a genealogia histórica. Por isso se poderia entender a análise de entrelaçamento com a transferência de procedimentos genealógicos a relações não genealógicas — assim, por exemplo, as «árvores», que não «genealógicas», de bispos, de vereadores ou de catedráticos. Só por analogia se

poderiam designar por «árvores», pois os *networks* correspondentes não se baseiam exclusivamente nas relações de parentesco, ou melhor, as relações de parentesco não são sobreponíveis com a rede de interacções.

Especialmente na Alta Idade Moderna é fundamental indicar todas as relações de parentesco, pois nessa época até o parentesco mais afastado podia ser activado para transacções sociais. Daí o apreço pelo estabelecimento artificial do parentesco, quer através das ligações matrimoniais quer através de parentesco ritual, como os padrinhos. De facto a relação dos compadres era por vezes mais importante que a relação entre padrinhos e afilhados.

A *comum origem geográfica*, ao contrário das outras três categorias, é ignorada pelas ciências sociais. De facto não se trata de um tipo de relação mas, especialmente na Alta Idade Moderna, era causa a que se podia atribuir uma relação e também a base de recrutamento de grupos dominantes. Em instituições nas quais a transmissão hereditária de cargos se não verifica, como por exemplo a Igreja Católica, a comum origem geográfica desempenhava um papel importante. Os italianos inventaram para isso um vocábulo da mesma família de «nepotismo»: «campanilismo».

A *amizade* é uma relação adquirida. Por «amigo» designa-se ainda hoje na área mediterrânica, e designava-se na Alta Idade Moderna em toda a Europa, uma pessoa com quem se estava ligado, talvez por sentimentos, mas sobretudo na esperança de vantagens mútuas. Transacções eram desenvolvidas frequentemente ao longo de uma cadeia de amigos — problemas correm de amigo em amigo até atingirem um que tem possibilidade de os resolver, embora não tenha uma relação directa com aquele em quem têm origem, e eventualmente nem sequer o conheça. Em princípio a *amizade* tem lugar entre iguais, mas a reciprocidade das transacções nem sempre se concretiza, e assim o que recebe favores fica dependente de quem os concede.

Nestes termos não se pode distinguir claramente *patronagem* de amizade. Se este desequilíbrio da relação entre amigos se tornar demasiado evidente, e até permanentemente, passa-se a barreira que divide amizade de patronagem. Segundo Pflücke<sup>15</sup> patronagem é a relação dual, interpessoal, de carácter formal ou informal, pelo qual uma pessoa «P», o «patrono», através das suas maiores capacidades, assegura a outra pessoa «C», o «cliente», uma protecção relativamente durável. «C» corresponde a esta protecção com serviços, que, da mesma forma que os de «P» não estão regulamentados por contrato, mas os de «C» nunca podem igualar os de «P», a relação tem de ser sempre assimétrica, caso contrário passa de *patronagem* a *amizade*.

Além de utilizar o seu método no estudo da Cúria Romana por volta de 1600, como atrás se referiu, Reinhard tem influenciado com a sua metodologia trabalhos de investigação que orientou. Assim, na Universidade de Augsburg, onde até há pouco leccionava a tese de doutoramento de Wolfgang Weber<sup>16</sup>. Trata-se de um trabalho sobre uma época e área totalmente diversas daquelas a que se dedicou Reinhard, que bem demonstra a versatilidade do seu método — em causa a análise do entrelaçamento na ocupação das cátedras de História das universidades alemãs, e a sua influência sobre a historiografia alemã.



Mas uma área em que o método de Reinhard se tem mostrado especialmente frutuoso e que, por ser a do autor destas linhas, lhe chamou especialmente a atenção, é a do estudo dos patriciados urbanos. Assim o utilizam Wolfgang Schütze e Katarina Sieh-Burens, nas respectivas teses de doutoramento<sup>17</sup>, apresentadas à universidade de Augsburg. De facto, também para o Porto de 1500-1580<sup>18</sup> é característica impressionante o estreito entrelaçamento das famílias dominantes. Tentando apresentar de uma forma gráfica esse entrelaçamento, elaborou-se um «sociograma», não de pessoas mas de famílias (Fig. 2), que pode depois continuar a ser utilizado para a exposição do número de funções públicas por família (Fig. 3), para o número de cavaleiros, por família, nas ordens militares, etc. Desconhecendo ao tempo completamente os trabalhos de Reinhard e dos seus discípulos, não se desenvolveu mais o sociograma, sofisticando-o em todas as vertentes atrás discriminadas. Também Katarina Sieh-Burens elabora um sociograma de famílias para Augsburg de 1518-1618, mas nele consegue representar as redes de influências que quatro famílias — Welser, Fugger, Seitz, Herbrodt — detiveram na cidade, independentemente umas das outras<sup>19</sup>.

Reinhard refere assim noutro trabalho que apresentou em 1984 ao colóquio «Protector — Cliente — Relações na Alta Idade Moderna»<sup>20</sup>, os sucessos obtidos com a aplicação deste seu método ao estudo dos patriciados urbanos para o período de introdução da Reforma na Alemanha. Conjugado com o prosopográfico — elaboração, por indivíduo, de fichas de fácil informatização —, que é conhecido e já foi utilizado entre nós, o entrelaçamento ajuda a esclarecer os *networks* que dominam as cidades. Em Augsburg, cujo interesse ultrapassa o estritamente paroquial, pois como centro do capitalismo sul-alemão do século XVI, as suas elites urbanas influenciaram a história político-económica da Europa, as fontes para a época parecem ser abundantes. Permitiram por exemplo a Katarina Sieh-Burens identificar a comum localização urbana das redes acima discriminadas<sup>21</sup>, avalizando a importância dada por Reinhard à vizinhança como factor de entrelaçamento. Estão permitindo estudos em curso sobre outros factores de entrelaçamento, como as relações de negócios, a cargo de Reinhard Wendt<sup>22</sup>. Para a cidade de Oettingen, onde se dispõe de registos paroquiais para o período de 1563-1806, está uma equipa de três doutorandas a trabalhá-los, não com objectivos estritos de demografia histórica mas, em conjugação com fontes de matéria fiscal, fazendo a reconstituição das famílias dominantes por um período de 300 anos.

O método de entrelaçamento está assim em Augsburg em plena fase de utilização. Em Portugal, pôde este autor testar a sua eficiência no citado caso do patriciado quinhentista do Porto. Que nesta área seja um método de origem alemã o aplicável, coaduna-se perfeitamente com o facto, já referido noutro artigo<sup>23</sup>, de ser a historiografia alemã de entre as europeias a que maiores tradições e experiência tem no estudo das oligarquias urbanas.

Resta agora saber até que ponto, atendendo a eventual diversidade e disponibilidade de fontes, será ele utilizável entre nós para outros tipos de grupos de poder.

Só cada caso concreto o poderá comprovar. Pareceu-nos no entanto que seria útil para os estudiosos portugueses saberem da sua existência e tentamos assim dá-lo a conhecer, ainda que resumidamente.

- <sup>1</sup> REINHARD, W., *Freunde und Kreaturen — «Verflechtung» als Konzept zur Erforschung historischer Führungsgruppen Roemische Oligarchie um 1600*, München, 1979.
- <sup>2</sup> Idem, *ibidem*, p. 19.
- <sup>3</sup> ROGALLA VON BIBERSTEIN, J., *Die These von der Verschwörung 1776-1945. Philosophen, Freimaurer, Juden, Liberale und Sozialisten als Verschwörer gegen die Sozialordnung (Europäische Hochschulschriften III, 63)*, Bern, 1976.
- <sup>4</sup> Abundante bibliografia citada em REINHARD, W. op. cit., pp. 14-18.
- <sup>5</sup> REINHARD, W., op. cit., p. 7.
- <sup>6</sup> REINHARD, W., op. cit., p. 19.
- <sup>7</sup> MORENO, J. L., *Who shall survive*, Washington, 1934.  
Idem, *Die Grundlagen der Soziometrie. Wege zur Neuordnung der Gesellschaft*, Opladen, 1974.
- <sup>8</sup> RADCLIFFE-BROWN, A. R., *On social structure in «Journal of the Royal Anthropological Society of Great Britain and Ireland»*, nº 70, 1940.
- <sup>9</sup> MAYER, A. C., *The significance of quasi-groups in the study of complex societies* in S. Leinhardt (ed.) *Social networks. A developing Paradigm*, New York, 1977.
- <sup>10</sup> REINHARD, W., op. cit., pp. 24 a 32.
- <sup>11</sup> MÜNZER, F., *Roemische Adelsparteien und Adelsfamilien*, Stuttgart, 1920, reimpressão, Darmstadt, 1963.
- <sup>12</sup> MOUSNIER, R., *Les institutions de la France sous la monarchie absolue*, Vol. I, Paris, 1974, pp. 85 a 93, «La société des fidélités».
- <sup>13</sup> LEFEBVRE, P., *Aspects de la «fidélité» en France au XVII siècle: le cas des agents du prince de Condé* in «Revue historique», 250, 1973, pp. 59 a 106.
- <sup>14</sup> REINHARD, W., op. cit., pp. 35-39.
- <sup>15</sup> PFLÜCKE, R., *Beitrag zur Theorie von Patronage und Klientel. Eine vergleichende Soziologie der Gefolgschaft* (Diss. phil. Heidelberg 1972).
- <sup>16</sup> WEBER, W., *Priester der klio. Historischwissenschaftliche Studien zur Herkunft und Karriere deutscher Historiker und zur Geschichte der Geschichtswissenschaft 1800-1970*, 2ª ed., Frankfurt a. M., 1987.
- <sup>17</sup> SCHÜTZE, W., *Oligarchische Verflechtung und Konfession in der Reichsstadt Ravensburg 1551/52 — 1648. Untersuchungen zur sozialen Verflechtung der politischen Führungsschichten*, Augsburg, 1981 (policopiado).
- <sup>18</sup> SIEH-BURENS, K., *Oligarchie, Konfession und Politik im 16. Jahrhundert. Zur sozialen Verflechtung der Augsburger Bürgermeister und Stadtpfleger 1518 — 1618*, München, 1986.
- <sup>19</sup> BRITO, A. P. da C. M., *Patriciado urbano quincentista: as famílias dominantes do Porto 1500—1580*, Faculdade de Letras do Porto, 1992 (dissertação policopiada).
- <sup>20</sup> SIEH-BURENS, K., op. cit., p. 131.
- <sup>21</sup> REINHARD, W., *Oligarchische Verflechtung und Konfession in oberdeutschen Staedten* in MACZAK, A. (ed.), *Klientelsysteme im Europa der Frühen Neuzeit*, München, 1988.
- <sup>22</sup> SIEH-BURENS, K., op. cit., p. 125.
- <sup>23</sup> REINHARD, W., *Oligarchische Verflechtung...*, op. cit., p. 56.
- <sup>24</sup> Idem, *ibidem*, p. 61.
- <sup>25</sup> BRITO, P. de, *O patriciado urbano na recente historiografia alemã*, in *Revista da Faculdade de Letras — História — Universidade do Porto* (no prelo).

Fig. 2 Sociograma  
FAMÍLIAS

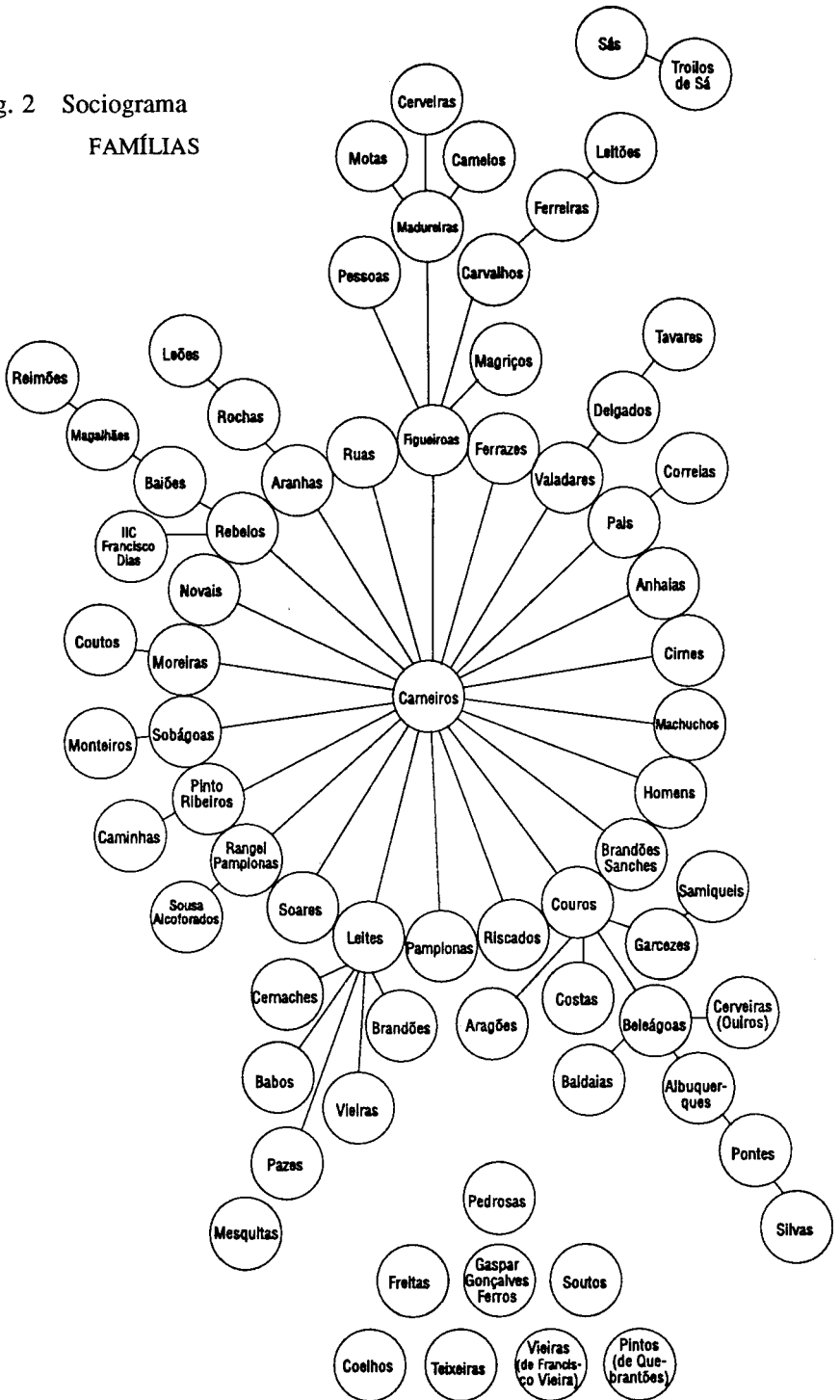


Fig. 3 Sociograma

FUNÇÕES PÚBLICAS LOCAIS

J Juiz

V Vereador

P Procurador da cidade

